

Fundamentos e métodos da história oral e da memória como subsídios para a pesquisa em história da Educação Matemática

Carlos Aldemir Farias da Silva¹

Universidade Federal do Pará

Iran Abreu Mendes²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo: A ideia de memória nos remete a muitas coisas, dentre as quais o nosso cotidiano, pois o Brasil é um país com sua memória histórica-cultural-educacional em construção, com intensidade inicial, uma vez que na atualidade ainda há um número reduzido de informações acerca da edificação da sua história social. Neste artigo, destacamos as categorias história e memória, por considerar as atuais discussões que estamos realizando acerca da inserção de alguns fundamentos e métodos relacionados a tais categorias, como contribuição para o alargamento epistemológico das pesquisas nessa modalidade de abordagem, para os estudos sobre História da Educação Matemática.

Palavras-chave: História oral. História e Memória. Fundamentos e métodos.

INTRODUÇÃO

A partir de um estudo realizado por Mendes (2014) e Gonçalves (2015), sobre as pesquisas realizadas nas dissertações e teses defendidas no período de 1990-2010 em História da Educação Matemática no Brasil, um dos aspectos que nos chamou a atenção foi o relacionado às teorias e métodos da história oral e da memória, tomados como fundamentos em várias dissertações e teses investigadas. Nosso objetivo, neste artigo, é destacar e comentar aspectos teóricos relacionados à *história e memória*, por considerarmos os atuais estudos que estamos realizando acerca da inserção de fundamentos e métodos sobre essa temática uma contribuição para o alargamento epistemológico das pesquisas nessa modalidade de abordagem para as investigações sobre História da Educação Matemática no grupo de pesquisa em que atuamos³.

Nossa finalidade se justifica por termos percebido que uma das modalidades que melhor vem se estruturando nesse movimento de reconstrução da recente História da Educação Matemática em nosso país, refere-se à localização e exploração das informações mantidas por interlocutores que estiveram incluídos como protagonistas, direta ou

¹Professor Dr. Carlos Aldemir Farias da Silva, Instituto de Educação Matemática e Científica, Universidade Federal do Pará. *E-mail:* carlosfarias1@gmail.com.

²Professor Dr. Iran Abreu Mendes, Departamento de Práticas Educacionais e Currículo, Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. *E-mail:* iamendes1@gmail.com.

³Este artigo foi elaborado a partir da conferência intitulada “História e Memória: teoria e métodos”, proferida por Carlos Aldemir Farias da Silva, no II Encontro Regional de Pesquisa em História da Educação Matemática (II EREPHEM), ocorrido em Natal-RN, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no período de 19 a 20 de agosto de 2015. Aqui ele aparece acrescido de algumas reflexões e dados do projeto de pesquisa intitulado *Cartografia da Produção em História da Matemática no Brasil: um estudo centrado nas dissertações e teses defendidas entre 1990-2010*, sob a coordenação de Iran Abreu Mendes, financiado pelo CNPq.

indiretamente, nos eventos históricos pesquisados. O modo de se praticar esse exercício de pesquisa se manifesta fortemente nos estudos sobre história e memória⁴, via uma abordagem apoiada na história oral⁵ ou na abordagem biográfica e história de vida⁶.

Neste sentido, consideramos que esse processo de construção historiográfica implica em uma reorganização de técnicas e formas de conceber e escrever a história, tendo em vista tecer um novo panorama da História da Educação Matemática em diversos contextos e épocas, pois é dessa reorganização metodológica de pesquisa, caracterizada por uma combinação de técnicas, que o historiador traça sua estratégia de investigação, de modo a aproximar-se, o máximo possível, da veracidade que pretende instituir no seu percurso historiográfico.

EXPERIÊNCIAS PARTILHADAS

Mesmo que toda experiência seja intransferível, podemos partilhar. “Ninguém pode conhecer no lugar do outro ou para o outro: ninguém pode conhecer por mim, eu não posso conhecer por ninguém” (ALMEIDA et al., 2003, p. 44). De todo modo, espero que nossas experiências possam ajudá-los em algum momento da pesquisa. Dito isso, iniciamos com alguns questionamentos: O que é história oral? Um método, uma técnica ou procedimento de pesquisa? A história oral pode ser tomada como um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outras técnicas articuladas entre si, no registro de narrativas da experiência humana. A história oral é técnica e fonte, por meio das quais se produz conhecimento. É um documento, uma entrevista gravada que podemos usar da mesma maneira que usamos livros, jornais, revistas, cartas, *e-mail*, cadernos de disciplinas, diários, quadros de pinturas, esculturas, fotografias, filmes cinematográficos, vídeos, músicas, poemas, fitas cassetes, CD, DVD etc., pois todos esses suportes conservam dados importantes no arranjo de uma pesquisa. (FERREIRA; AMADO, 1998; THOMPSON, 2002; FREITAS, 2002).

De abrangência multidisciplinar, a História Oral (HO) tem sido utilizada por diversas áreas do conhecimento: História, Antropologia, Sociologia, Psicologia, Educação, Ciências Políticas, Linguística, Ecologia, Geografia, **Educação Matemática**, História da Ciência, Etnomatemática, Etnobiologia, Etnociência, Etnoecologia, etc. Seu uso é cada vez mais comum em diferentes países, Estados Unidos, Itália, França, Inglaterra e, a depender de quem usa, as finalidades são diferentes. O historiador pode usar como uma fonte histórica. De um modo geral, a HO se manifesta com mais frequência por meio de três gêneros distintos:

⁴Em nossa pesquisa, consideramos a relação entre história e memória como o tipo de construção historiográfica que visa construir um patrimônio composto das materializações do pensamento e das idéias humanas registrados em documentos oficiais, fontes históricas e outros monumentos que contribuam para a manutenção da memória social da humanidade, especificamente em nosso caso, aqueles referentes à matemática e à história da educação matemática.

⁵ Em nossos estudos, entendemos a história oral como um método de pesquisa das ciências sociais e da história que, adotado pelas pesquisas em História da Educação Matemática, pode contribuir para compreendermos a construção historiográfica realizada nos estudos pós-graduados materializados nas dissertações e teses produzidas e analisadas.

⁶ Nas dissertações e teses analisadas, as abordagens biográficas e histórias de vida referem-se a uma parte específica da construção historiográfica adotada nos estudos em História da Educação Matemática.

1. *Histórias da tradição oral*: uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais – a tradição oral, na qual os testemunhos são transmitidos verbalmente de uma geração para outra, como, por exemplo, nas sociedades africanas e indígenas. Todavia, a tradição oral não está presente apenas nas comunidades tidas como iletradas, mas também pode ser identificada e preservada em sociedades rurais e urbanas e as informações recuperadas pelo método da oralidade; exemplos: cantigas de roda, brincadeiras e jogos infantis; crônicas de um determinado lugar; literatura oral; entre outras. Em uma sociedade que se adota a escrita, somente as memórias consideradas menos importantes são deixadas à tradição oral(FARIAS, 2006).
2. *Histórias de vida*: a história oral também é sinônimo de história de vida. História de vida é um relato autobiográfico, no qual a escrita (que define a autobiografia) está ausente. Na história de vida é feita a reconstituição do passado de um sujeito pelo próprio sujeito. Esse relato – que não é necessariamente conduzido pelo pesquisador – pode abranger a totalidade da existência do informante. Esse processo demanda muitas horas de escuta e gravação(FARIAS, 2013; XAVIER, 2008).
3. *Histórias temáticas*: com a HO temática, a entrevista tem caráter temático e é realizada com um grupo de pessoas, sobre um assunto específico. Não abrange, necessariamente, a totalidade das informações dos informantes, pois o pesquisador terá vários depoimentos que resultam em uma quantidade maior de informações que podem apontar convergências, divergências e evidências de uma memória coletiva, por exemplo.

É comum a confusão que muitos fazem do trabalho de alguns jornalistas com a HO. Precisamos cuidar para não nos enganarmos, pois quase sempre as entrevistas jornalísticas são marcadas pela superficialidade, pela rapidez, tornando-as apressadas e permeadas pelo imediatismo exigido pela velocidade da notícia. Às vezes, até são realizadas por telefone ou *e-mail*. O mesmo acontece com a maioria dos programas de entrevistas na televisão. Com raríssimas exceções, as entrevistas buscam explorar o curioso, o pitoresco, o exótico dos entrevistados. A falta de conhecimento sobre os temas tratados, por parte dos entrevistadores, é outro agravante. Geralmente, há deselegância destes, na insistência com questões íntimas e delicadas, parecendo que os mesmos buscam sempre um sensacionalismo.

Assim, para se evitar tais situações, é recomendável estabelecer relações de confiança com os informantes, pois isso é fundamental quando trabalhamos com HO, histórias de vida e com memória. Consideramos o tempo um fator determinante nesse tipo de pesquisa. Normalmente retornamos aos informantes com o propósito de ampliar pontos que ficaram subtendidos nas entrevistas anteriores. Tal propósito se constitui um elemento de essencial importância na realização de pesquisas dessa natureza.

Apesar disso, parte dos depoimentos produzidos pelos programas televisivos e pelas mídias impressas tem sido utilizada na produção de documentários e na escrita de biografias. Vamos por partes. O cinema brasileiro tem apresentado, nas duas últimas décadas, excelentes documentários que reúnem entrevistas, histórias de vida e materiais diversos para contar uma história. Como exemplo, citamos *O mistério do samba* (2008), que retrata fragmentos do

cotidiano e da memória da Velha Guarda da Portela na cidade do Rio de Janeiro. Neste documentário, a cantora e compositora Marisa Monte conduz uma série de entrevistas que forma um painel do dia a dia das vidas de homens e mulheres que compõem a Velha Guarda dessa Escola de Samba carioca.

A pesquisa recupera os processos de criação das composições musicais das décadas de 1940 e 1950, muitas das quais ainda não foram gravadas. A poesia, a musicalidade e as relações de sociabilidades desses senhores e senhoras do samba são desvendadas por meio do cotidiano simples de um pequeno território da Zona Norte da capital carioca: Oswaldo Cruz e Madureira. O documentário corresponde a uma narrativa sobre a memória individual e social de um grupo. Individual porque cada membro da Velha Guarda da Portela contribui com suas memórias individuais para formar a memória social do grupo.

Outro exemplo é o documentário: *Simonal, ninguém sabe o duro que dei*, que trata da trajetória do ex-cabo do exército Wilson Simonal, que se tornou cantor de grande sucesso nos anos de 1960. Lançado por Carlos Imperial, ele vendeu milhões de discos e lotou estádios em seus shows, até cair no ostracismo devido à acusação de que era informante da ditadura militar, o que sempre negou. A reconstituição de sua história de vida foi organizada por meio dos depoimentos dos amigos, familiares e artistas entrevistados que discorrem sobre eventos pessoais e profissionais, mesclados à cena política e social do Brasil nas décadas de 1960-1970.

No tocante às biografias, podemos tomar como exemplo os livros *Olga* (1985), *Chatô: o rei do Brasil* (1994) e *O Mago* (2008), para abeirar-se da produção biográfica do escritor e jornalista Fernando Morais. Nesses livros, Morais discorre sobre a trajetória de vida de Olga Benário, deportada pelo governo Vargas e morta na Alemanha nazista; sobre os modos acirrados de Assis Chateaubriand na edificação do seu patrimônio jornalístico no Brasil; e sobre as controvérsias acerca da vida do escritor Paulo Coelho, respectivamente. François Dosse (2009), no livro *O desafio biográfico: escrever uma vida*, discute a respeito dos limites do gênero ao analisar seu *caráter híbrido entre a literatura e a ciência*, para os que almejam introduzir-se por esta vereda narrativa.

NOTAS SOBRE A HISTÓRIA DA HISTÓRIA ORAL

A história oral é tão velha quanto a própria história. Contudo, a moderna HO, ou seja, aquela cujo método consiste na realização de depoimentos pessoais orais, por meio da técnica de entrevistas gravadas, além de estratégias e questões práticas e éticas relacionadas ao uso desse método, é algo relativamente novo. A primeira experiência como uma atividade organizada é de 1948, nos Estados Unidos. Entretanto, o *boom* da HO ocorreu no final da década de 1960 e início de 1970 (FERREIRA; AMADO, 1998; FREITAS, 2002).

No Brasil, as primeiras experiências ocorreram em 1971, no Museu da Imagem e do Som de São Paulo. Em 1975, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), foi implantado um laboratório de HO. Igualmente, foi criado o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, ligado à Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, que guarda um acervo riquíssimo sobre entrevistas com personalidades da

história política do nosso país. Importante acontecimento, também, foi a criação da Sociedade Brasileira de História Oral, no Rio de Janeiro, em 1994.

Consideramos de extrema relevância que sejam criados centros de pesquisa e documentação, em cada estado do Brasil, objetivando salvaguardar o acervo patrimonial da Educação brasileira e, assim, assegurar a permanência da memória pessoal e profissional dos educadores nas diferentes áreas de conhecimento. Geralmente, os acervos pessoais dos educadores são organizados e conservados pelos próprios educadores e/ou familiares. Neste sentido, Ubiratan D'Ambrosio e alguns outros professores de matemática doaram o seu acervo pessoal para o Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática no Brasil (GHEMAT). Tal grupo constitui um centro de referência documental sobre a história da Educação Matemática brasileira, localizado em São Paulo.

É inegável o importante papel que as fontes orais vêm ocupando na produção acadêmica. Apesar da dimensão que a HO alcançou no debate sobre as tendências da historiografia brasileira contemporânea, ainda há grupos de pesquisadores que não aceitam a HO pela seletividade, pois alegam a falibilidade das fontes orais. Tal resistência está ligada a diversos fatores como: (1) forte influência do positivismo francês, ou seja, seguem os pressupostos do positivismo; (2) grande parte da produção de HO ter sido produzida em língua inglesa, não traduzida no Brasil; (3) entrada tardia da HO no Brasil, ocorrida nos anos de 1980, com desdobramento nas décadas seguintes; (4) uma parte dos pesquisadores brasileiros desconhecem o nível de sofisticação teórica e a enorme diversidade temática publicada em livros e artigos; e (5) a manutenção do vínculo dos pesquisadores brasileiros com a tradição historiográfica do século XIX, que elegeu como modelo de documento histórico o testemunho escrito, considerado objetivo, neutro e dado como fidedigno.

Todos esses fatores, somados a outros não mencionados aqui, fizeram com que os depoimentos orais passassem a ser considerados apenas fontes subsidiárias e de “baixo valor histórico”, de pouca credibilidade. Assim, em uma sociedade solidamente estabelecida sobre a escrita, há dificuldade de aceitar as fontes orais.

Nesse sentido, a maior contribuição para a mudança do que foi apresentado anteriormente foi a abordagem da construção epistemológica da *Escola dos Annales*, a partir de 1929, com Marc Bloch e Lucien Febvre, que renovaram os estudos em História (a vida diária; o povo e os eventos; coisas que a humanidade produz ou consome; alimentos; vestuários; habitação; ferramentas; moeda; cidades; civilização material). A experiência destes na utilização de novas fontes de tradição oral e vestígios arqueológicos fica evidente quando fazem a seguinte afirmação: “a história se faz com documentos escritos, sem dúvida; quando eles existem. Mas podemos fazê-la sem documentos escritos, se não houver” (FEBVRE, 1985, p. 249). Essas são algumas das idéias que redefiniram os modos de escrever a história no que diz respeito a conceitos, abordagens e métodos.

Com o passar do tempo, o trabalho desse grupo de historiadores passou a ser denominado de *Nova História*. Tal grupo apontou para a necessidade de a história se dedicar menos aos acontecimentos, aos heróis e à cronologia dos fatos. Nesse sentido, contribuíram para a mudança dos procedimentos na exploração de múltiplas fontes para se escrever a

história, ao mostrarem que as fontes para a sua escrita não eram tão-somente os documentos considerados “oficiais”.

Em consonância com Severino (2007, p. 124), consideramos que “em ciência, documento é todo objeto que se torna *suporte material* que nele é fixada mediante *técnicas especiais*. Nessa condição, transforma-se em fonte de informação sobre os fenômenos pesquisados” (grifos do autor).

No Brasil, ainda há grupos de pesquisadores que veem a fotografia, a caricatura, a carta, o diário, os programas de disciplinas, os registros de aulas, assim como o depoimento oral como fontes subsidiárias, possuidoras de baixo valor histórico. Comumente, essas fontes são utilizadas para ilustrar uma idéia, ou para cruzar com outras fontes, de preferência escritas e oficiais. Nessa perspectiva, os documentos orais visam à complementaridade das informações ou ao cotejo das fontes, quase nunca à ampliação sobre o tema pesquisado. Todavia, é importante sabermos que a HO tem adquirido um novo *status*, devido aos novos significados atribuídos aos depoimentos, às histórias de vida, às biografias etc.

Consideramos que devemos vencer os limites livrescos e quebrar a resistência às novas fontes documentais, novas técnicas, linguagens e suportes. A utilização de diversas fontes constitui-se enriquecedora para a pesquisa, uma vez que as histórias de vida e os depoimentos pessoais sobre os fatos são documentos como qualquer outro. É bom lembrar que as verdades são sempre parciais e que depois de obtidas as informações, a exploração das fontes pode assumir formas variadas: autobiografias, memorial, crônicas, entre outras, que possam expressar as trajetórias pessoais dos sujeitos pesquisados.

SUBSTRATOS DA MEMÓRIA

A idéia de memória nos remete a muitas coisas, dentre as quais o nosso cotidiano, pois o Brasil é um país com sua memória histórica em construção extremamente inicial, uma vez que na atualidade ainda há um número reduzido de informações acerca da construção da sua história social. A acepção de memória também está ligada ao desenvolvimento da cibernética, nesse caso, memória armazenada pelos computadores.

No que se refere à Biologia, a memória está diretamente relacionada à hereditariedade, ou seja, aos registros que estão presentes em nosso código genético. Todavia, na Antiguidade Clássica, os gregos consideravam a memória como uma deusa denominada *Mnemosine*. Para Aristóteles, a memória era a faculdade de conservar o passado; poderíamos evocar esse passado voluntariamente por um esforço intelectual. Para Platão, a memória era considerada como uma impressão, os traços depositados em nós. Jacques Le Goff (1990) considera que na Idade Média a idéia de memória passou por profundas transformações em decorrência da difusão do cristianismo.

É importante deixar claro que memória é o vivido e história é o elaborado. Nesse caso, história é sinônimo de memória, pois há uma relação de fusão entre essas duas formas de representar os fatos vividos. A história se apodera da memória coletiva e a transcreve em

palavras e é por meio do acesso à memória que reconstruímos fragmentos do passado. Com isso, constatamos que o discurso oral é muito mais detalhado e expressivo que o discurso escrito, que é mais formal, elaborado, estereotipado, ou seja, que é sempre o mesmo, que não varia, que é fixo, inalterável.

Devemos ter claro, também, que devemos falar de memória não no aspecto neurológico, mas no social, de grupo (coletiva) e individual. A memória social é a memória do grupo e o tempo-espaço são substâncias da memória. Igualmente, o tempo da memória é um tempo reversível, no qual o passado vem para o presente e nesse sentido se assemelha com a narrativa mítica, ou seja, memória e mito possuem o mesmo tempo, tempo circular, no sentido de trazer o tempo passado de volta. Se os dois (mito e memória) têm o mesmo tempo, a passagem da memória para o mito ocorre por meio do tempo reversível, circular. O mito é mito porque assenta sua base narrativa na memória social do grupo e diversas sociedades exibem o modelo mítico de pensar (ELIADE, 2000).

O sociólogo Maurice Halbwachs (2008) introduziu diversos aspectos da vida social nos estudos da memória. Francês, descendente de judeus e discípulo de Henri Bergson e Émile Durkheim, Halbwachs foi o primeiro autor a possibilitar a memória como memória de grupo em seu livro *A memória coletiva*, publicado em 1950, após a sua morte. A memória coletiva ou social se refere a um determinado grupo que viveu determinados acontecimentos em comum. O grupo ajuda a lembrar porque viveu os mesmos acontecimentos, mesmo que não se conheça. Halbwachs fala, ainda, da *memória vivida por tabela*, que é aquela que não vivemos um determinado evento, mas de tanto ouvirmos falar sobre este, por alguém que viveu, com o passar do tempo estamos tão de acordo, que é como se tivéssemos vivido.

A memória tem significados diversos. A depender do lugar que ocupamos socialmente, as lembranças são diferentes (FARIAS, 2013). Podemos tomar como exemplo as memórias de um professor e de um aluno sobre a mesma escola em um determinado espaço-tempo. Nesse sentido, é importante ressaltar que as lembranças não são rememoradas da mesma forma e com a mesma intensidade.

Em *Memória e sociedade*, Ecléa Bosi (1995, p. 55) alerta que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado”. Equivale a dizer que o passado não sobrevive tal como foi, porque o tempo transforma as pessoas em suas percepções, idéias, juízos de realidade e de valor.

Existe uma memória oficial e outras que não se tornaram oficiais. A memória oficial é sustentada pelo grupo que ocupa o poder. Poder aqui, não tem relação com quantidade e sim com decisão; assim, quando dizemos que um determinado grupo é minoria, falamos sempre no sentido de decisão, ou seja, o grupo minoritário, que não tem poder de intervenção. Quando escolhemos fazer trabalho com história de vida, as memórias que entram nessas pesquisas, geralmente, são aquelas consideradas não oficiais, mas, que poderão se tornar.

Neste sentido, Michel Pollack (1989) no artigo *Memória, esquecimento, silêncio*, fala dessas memórias coletivas e discute as *memórias subterrâneas* como aquelas que não podem aparecer, ficam no grupo que temos confiança. Para o autor, as *memórias subterrâneas* esperam o momento de crise para aflorar e “subvertem a lógica imposta por uma memória oficial

coletiva” (p. 4). Para lembrar, se faz necessária uma comunidade afetiva, pois são memórias que provocam sofrimentos e, na maioria das vezes, evita-se falar sobre elas para não padecer. Outra coisa é o constrangimento e o *sentimento de culpa* de discorrer sobre as mesmas. Podemos tomar como exemplo, particularmente expressivo, a Alemanha nazista, discutido por Pollack, posto que uma parte dos alemães evita falar sobre o nazismo. A nação adota determinadas medidas e atitudes e, geralmente, evita-se falar sobre esse evento histórico. Mesmo assim, há livros, filmes e documentários produzidos recorrentemente que tratam sobre esse acontecimento; muitos são realizados a partir das histórias de vida de quem viveu *in lócus* os horrores do holocausto e que, em determinado momento, resolveu romper o silêncio e tornar públicas suas lembranças.

Constitui-se significativo compreender que a maioria dos autores que escreveram sobre memória são judeus ou descendem dessa etnia. A diáspora, ou seja, a dispersão dos judeus pelo planeta, no decorrer dos séculos, seja por motivos religiosos ou de outra ordem, em virtude da perseguição de grupos dominantes intolerantes na Europa, na forma de um nacionalismo de direita muito forte, que impossibilitava os trabalhos dos intelectuais, ocasionou a perda de muitas informações sobre a cultura judaica. Para que essa cultura tivesse um nicho para se segurar, foi preciso o empreendimento de diversos trabalhos com memória.

Nesse mesmo sentido, podemos considerar a diáspora africana nas Américas e, de maneira especial, no Brasil. Nessa acepção, a população afro-brasileira permaneceu, durante séculos, impedida de compreender de forma abrangente suas origens, que vêm sendo retomadas por meio de diversos trabalhos acadêmicos de pesquisa, que se utilizam da HO e da memória, com o objetivo de reconstituir e revigorar o valor e a importância da identidade africana na construção social, econômica e cultural do Brasil. Lembremos que na nossa história oficial, disposta nos livros de História do Brasil, a matriz africana vai figurar, quase sempre, como mão de obra escrava, negando a contribuição estrutural da mesma na edificação do nosso país. O mesmo acontece com as populações indígenas.

Ricardo Santhiago (2009), em *Solistas dissonantes: história oral de cantoras negras*, reconstrói parte da história da música popular brasileira, a partir da segunda metade do século XX, por meio dos depoimentos de treze mulheres que escolheram como ofício o canto. Nessa mesma direção, o livro *Os negros do riacho: estratégias de sobrevivência e identidade social*, de Luiz Assunção (2009), constitui-se outro exemplo de reconstrução da história de um grupo afrodescendente no estado do Rio Grande do Norte.

Os exemplos mencionados anteriormente elucidam algumas das lembranças que não foram vividas pelo indivíduo, mas que nelas ele se identifica e se reconhece. É importante esclarecer que memória é o vivido e história é o elaborado, e que história é sinônimo de memória, uma vez que há uma relação de fusão. A história se apodera da memória coletiva e a transcreve em palavras. É por meio do acesso à memória que reconstruímos fragmentos do passado.

No que se refere às lembranças, é importante considerar que não são rememoradas da mesma forma e com a mesma intensidade. Não precisamos ter vivido, mas temos que concordar; lembrar-se de situações diferentes não implica contradições, mas somas de pedaços, porque tomamos certos aspectos que o outro complementa, o que encaixa. Mas, há

lembranças que não entram em acordo. No que se refere à memória e à *Nova História*, as duas representam processos e correntes de pensamentos que são atravessados pela experiência viva. O cotidiano vivido é captado pela memória que se constitui bastante diferente da história escrita.

A HO utiliza a memória não apenas como técnica, mas também como teoria, pois se trata de um arcabouço teórico que deve ser utilizado para tornar o cotidiano mais claro e abrangente e, deste modo, mais compreensivo. É importante considerar que a memória não é fixa; ela sai do presente, volta ao passado e retorna ao presente ressignificando o passado. Por essa razão, o seu tempo é reversível, uma vez que, a depender da sua ressignificação, a lembrança é presente. Portanto, o movimento da memória é a ressignificação. Por isso, podemos admitir que recriamos a memória, mas nunca a resgatamos, porque só resgatamos aquilo que se perdeu. Por essa razão, os aspectos da memória estão relacionados como o mito – presente-passado-presente: um exercício de trazer os tempos passados de volta. Há também estudos sobre a memória que falam sobre os *não-ditos*, *os esquecimentos*, *os silêncios*. Uma vez que os *não-ditos* têm uma interpretação, podemos interpretá-los (POLLAK, 1989).

Memória e identidade social estão imbricadas, juntas. A identidade se transforma, não é fixa (POLLAK, 1992). A lembrança não traz de volta tudo o que aconteceu. A memória é sempre complexa, outros elementos grudam nela quando estamos rememorando fragmentos de um determinado evento. Ao falar sobre um determinado evento, eu trago de volta outra representação do real. Assim, podemos afirmar que a oralidade é um exercício de rememoração muito importante. Quando exercitamos a memória, ela se amplia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em nossas reflexões, e apoiados nos fundamentos mencionados anteriormente, consideramos que ao elaborar um projeto de pesquisa sobre História da Educação Matemática que envolva *história e memória*, é necessário: definir bem o tema que será abordado pelo pesquisador junto ao grupo que será entrevistado; fazer o contato inicial, de modo a escolher com cuidado o local das entrevistas, preferencialmente lugares onde não haja barulho, pois os fatores ambientais podem interferir negativamente na condução do trabalho; e elaborar um roteiro aberto, amplo e abrangente com perguntas da forma mais simples, direta e natural possível, uma vez que quando a pergunta é feita de forma complicada, podemos nos embarçar.

Temos clareza que toda pesquisa começa com a definição de um bom tema e de um projeto bem elaborado. O conhecimento sobre o tema que irá pesquisar é fundamental, pois quando os depoentes percebem que o pesquisador não o domina, pode haver desinteresse. Daí a importância de definir bem o tema. Consideramos que a escolha do objeto está diretamente ligada com a história de vida do sujeito. Cada pesquisador é movido por uma obsessão e deve se perguntar o que gostaria de investigar, o que o move e porque considera significativo pesquisar o tema escolhido e quais as contribuições do mesmo para o campo acadêmico-científico, educacional, social e cultural. Nas palavras de Almeida (2003, p. 48-49),

precisamos: “refletir a respeito da ética na pesquisa; da importância das palavras na construção dos fatos; da consciência das escolhas temáticas; e, por fim, de nossas responsabilidades ao construir e proferir interpretações” sobre os eventos pesquisados.

É importante, sobretudo, saber ouvir, participar e dirigir a entrevista, bem como acatar as questões importantes introduzidas pelo depoente e que, muitas vezes, não estavam previstas no roteiro original. Segundo Edgar Morin (1998), no livro *Sociologia: do micros social ao macroplanetário*, em nossas pesquisas, devemos privilegiar um método de pensar que *assume a estratégia em detrimento de um programa de pesquisa fechado*, porque a *estratégia* é produzida durante a ação, e esta está sujeita a modificações, *conforme o surgimento dos acontecimentos, a recepção das informações ou a conduta da ação desejada*. A estratégia pode ser definida “como o método de ação próprio a um sujeito em situação de jogo” (MORIN, 1999, p. 78). Essa atitude resulta em enriquecimento da pesquisa.

O interesse e a disponibilidade do entrevistado constituem-se fatores decisivos para a condução de uma boa entrevista. Não consideramos adequado fornecer o roteiro da entrevista ao depoente, exceto em caso de solicitação, pois isso pode retirar a espontaneidade da fala, uma vez que ele pode não se lembrar de imediato das respostas e se sentir pressionado a formular opiniões que não atendam os propósitos previstos pelo pesquisador. Devemos nos preocupar com a qualidade e não com a quantidade de horas das entrevistas, para não levar o entrevistado à exaustão. Nesse sentido, recomendamos que as entrevistas devam ter a duração máxima de duas horas. Igualmente, o entrevistador pode e deve ajudar as pessoas a recuperar suas memórias, sobretudo quando for requerido – muitas vezes, elas confundem datas, acontecimentos, nomes de pessoas, de cidades, ou instituições; isso é bastante comum e o entrevistador poderá ajudá-las.

Para a entrevista, considera-se significativo também: saber definir as questões mais importantes; levantar pontos úteis, sobretudo para pessoas que falam pouco; fazer gestos que as encorajem a falar e não as inibir; evitar comentários durante as mesmas; assumir uma postura ética com relação ao entrevistado e respeitar o que foi dito.

Ao transcrever o material de pesquisa, ou seja, os áudios, é necessário: identificar quem é o depoente; ser fiel; fazer alguns retoques com cautela, para não interferir no sentido da fala; corrigir erros e vícios de linguagem coloquial que impeçam o fluxo de leitura; ter clareza que, ao realizar uma pesquisa dessa natureza, estará devolvendo, aos sujeitos que fizeram e vivenciaram a história, um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.

O pesquisador que pretende se lançar na pesquisa em história e memória precisa saber ouvir, bem como entender que o modo como elaboramos e dirigimos as perguntas ao depoente pode influenciar na escrita da história e na construção da memória. O nível de teorização possível em uma pesquisa em História da Educação Matemática depende do *capital cultural*⁷, no sentido atribuído por Pierre Bourdieu (1998), que o pesquisador dispõe sobre o

⁷ Bourdieu (1998) observa que o *capital cultural* pode se apresentar em três modalidades: objetivado, incorporado e institucionalizado. O primeiro diz respeito à propriedade de objetos culturais valorizados (notadamente, livros e obras de arte). O segundo se refere à cultura legítima internalizada pelo indivíduo, ou seja, habilidades linguísticas, postura corporal, crenças, conhecimentos, preferências, hábitos e comportamentos relacionados à cultura dominante, adquiridos e assumidos pelos sujeitos. Finalmente, o terceiro se refere, basicamente, à posse de certificados escolares, que tendem a ser socialmente utilizados como atestados de certa formação cultural.

objeto de pesquisa histórica a ser construída, bem como da capacidade do mesmo para avaliar a adequação da fundamentação epistemológica disponível para a escrita das histórias e memórias em construção.

A deficiência interpretativa deve-se à ausência de um quadro teórico criteriosamente selecionado. A utilização de conceitos ou construtos pertencentes às teorias diversas para dar conta da complexidade dos fatos investigados requer cautela, pois comumente os fragmentos de teorias utilizadas nos trabalhos acadêmicos nem sempre apresentam sua globalidade, o que pode gerar contradições entre os pressupostos e as relações estabelecidas.

Consideramos também importante o pesquisador ter clareza do que ele vai fazer no campo. É preciso voltar várias vezes para entrevistar nossos interlocutores, na tentativa de entender porque as histórias que eles contam imprimem significados profundos em suas vidas e lhes servem como orientadores de valores importantes para sinalizar sua trajetória pessoal e profissional.

Por fim, é importante ter clareza que o método da HO joga luz nova sobre aspectos desconhecidos e inexplorados da vida cotidiana das classes não hegemônicas, e possibilita o registro das reminiscências das memórias individuais, como uma reinterpretação do passado. Portanto, os áudios das entrevistas não devem se tornar apêndices ou anexos dos trabalhos, pois são partes integrantes de nossos estudos e pesquisas. Logo, podemos retomá-los em outros momentos. Isso porque o passar do tempo é importante para amadurecer e sopesar melhor as fontes orais, que são documentos da História Oral por excelência.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. C. et al. **Ciclos e metamorfoses**: uma experiência de reforma universitária. Porto Alegre: Sulina, 2003.

ASSUNÇÃO, L. C. **Os negros do riacho**: estratégias de sobrevivência e identidade social. Natal: EDUFRN, 2009.

BOSI, E. **Memória e sociedade**. Lembranças de velhos. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: _____. **Escritos da Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BURKE, P. (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

DOSSE, F. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009.

DUBY, G. **A história continua**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Zahar; Ed. da UFRJ, 1993.

ELIADE, M. **O mito do eterno retorno**. Lisboa: Edições 70, 2000.

FARIAS, C. A. **Alfabetos da alma**: histórias da tradição na escola. Porto Alegre: Sulina, 2006.

- FARIAS, C. A. **Reviver**: memórias de Maria do Rosário Farias. São Paulo: Ed. Livraria da Física; Natal: Flecha do Tempo, 2013.
- FEBVRE, L. **Combates pela História**. 2. ed. Trad. Leonardo Martinho Simões e Gisela Moniz. Lisboa: Editorial Presença, 1985.
- FERREIRA, M. M.; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- FREITAS, S. M. **História oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas/USP; Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- GONÇALVES, F. D. S. **História da Educação Matemática no Brasil**: contribuições das pesquisas para professores da Educação Básica. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2008.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990.
- MENDES, I. A. **Cartografias da produção em História da Matemática no Brasil**: um estudo centrado nas dissertações e teses defendidas entre 1990-2010. Relatório de Pesquisa (Bolsa produtividade CNPq). Natal: UFRN, 2014. Impresso.
- MORIN, E. **O método 3**. O conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- MORIN, E. **Sociologia**: a sociologia do microssocial ao macroplanetário. Lisboa: Europa-América, 1998.
- O MISTÉRIO DO SAMBA. Filme documentário. 90 min. Brasil, 2008.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. p. 200-212.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. p. 3-15.
- PRINS, G. História oral. In: BURKE, P. (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.
- SANTHIAGO, R. **Solistas dissonantes**: história (oral) de cantoras negras. São Paulo: Letra e Voz, 2009.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- SIMONAL, NINGUÉM SABE O DURO QUE DEI. Documentário. 86 min. Direção: Micael Langer, Calvito Leral e Cláudio Manoel. Brasil, 2009.
- THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- XAVIER, M. L.; ALMEIDA, M. C.; FARIAS, C. A. (Org.). **Narrativas de um tempo, escrituras da alma**. Natal: Flecha do Tempo, 2008.